



Mente ou coração: a mulher pós-feminista de *Love Hina*¹

Anita Gonçalves Hoffmann²

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira³

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

Resumo:

A pós-modernidade trouxe mudanças estruturais à sociedade, tanto no âmbito comportamental quanto social. Neste cenário de transformações, incertezas e desconstruções, o pós-feminismo surgiu, contestando a utilidade do feminismo e alegando que tudo o que tinha para ser conquistado para e pelas mulheres já foi. Com base nas teorias pós-feministas desenvolvidas por Angela McRobbie, este trabalho pretende analisar o perfil de Naru Narusegawa, personagem do mangá *Love Hina*, e demonstrar como os modelos pós-feministas são constantes nas produções culturais contemporâneas.

Palavras-chave: Pós-feminismo; mangá; *Love Hina*; gênero

Um mundo nipônico

Com a emergência da Era Meiji⁴ (1868-1912), o Japão iniciou um processo de abertura ao Ocidente e de modernização. O país, antes tão obsoleto e preso às tradições, necessitou passar por uma mudança radical em sua estrutura, tendo como base os modelos das potências imperiais ocidentais, especialmente, o “*way of life*” norte-americano. Os japoneses não só incorporaram elementos estrangeiros as suas estruturas sociais, econômicas e familiares, como também os desenvolveram e adaptaram à sua tradição milenar. Era a hora de dar adeus aos samurais e dizer olá para a modernidade e tudo o que ela poderia trazer.

Após a Segunda Guerra Mundial, mesmo tendo sido assolado e destruído pelos Estados Unidos, o Japão subordinou-se a esse país e decidiu que, para se reerguer,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior– Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmica do curso de Comunicação Social- Jornalismo, na Universidade Estadual do Centro-Oeste(UNICENTRO), integrante do grupo PET Letras da mesma instituição e participante da Iniciação Científica Voluntária. E-mail: aninarusegawa@gmail.com

³ Pós-doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ), professora do Departamento de Letras da UNICENTRO e pesquisadora das áreas de Gênero e Representação ; Texto, Memória e Diferença Cultural. E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

⁴ A Era Meiji foi o período do domínio do Imperador Meiji e durou 45 anos(8 de setembro de 1869 a 30 de julho de 1912). Foi na Era Meiji que o Japão abandonou seu sistema feudal e se abriu para a modernidade e para o sistema capitalista.



precisaria da ajuda de quem o derrubou. Aquele país, anteriormente feudal, transformou-se em um monstro do capitalismo mundial. Pode-se até mesmo dizer que “em muitos aspectos os conquistados superaram o conquistador” (GRAVETT, 2004, 14), ou seja, o capitalismo japonês superou em muito o norte-americano. Foi neste cenário pós-guerra que o mangá emergiu.

Com o mangá, os japoneses mostraram a mesma facilidade que tiveram com automóvel ou o chip de computador. Eles tomaram os fundamentos dos quadrinhos americanos- as relações entre imagem, cena e palavra- e, fundindo-os ao seu amor tradicional pela arte popular de entretenimento, os “niponizaram” de forma a criar um veículo narrativo com suas próprias características. (GRAVETT, 2004, p.14)

Os enredos dos mangás são bastante variados: eles são feitos para pessoas de todos os sexos e idades, acessíveis a todas as camadas sociais e apresentam temas que agradam diversos gostos. A editoração das revistas é feita para públicos específicos.

Todos lêem quadrinhos no Japão: crianças, adolescentes, executivos, operários, donas de casa e velhos. O poder de atração dos mangás é muito grande. Por meio da leitura, os leitores imediatamente se identificam com os personagens que retratam situações vividas no dia-a-dia ou revelam anseios e sonhos escapistas (LUYTEN, 1991, p.18).

No Brasil, existem publicações de mangás desde a década de 80, porém, o grande sucesso aconteceu no ano 2000, com o lançamento dos títulos *Samurai X*, *Dragon Ball* e *Cavaleiros do Zodíaco*, pelas editoras JBC e Conrad.

Os primeiros quadrinhos japoneses que chegaram ao Brasil foram, provavelmente, aqueles lançados por pequenas editoras, que começaram a publicar versões piratas de HQ's eróticas japonesas ainda nos anos 80. Em 1988, a Cedibra lançou *Lobo Solitário* (GRAVETT, 2004, p.11).

Hoje em dia, os mangás e animês, versões animadas dos mangás, fazem muito sucesso nas terras tupiniquins. Além de ser grande a variedade de publicações no país agora, todos os anos, os fãs da cultura japonesa, em especial, os *otakus*, fãs dos quadrinhos nipônicos, reúnem-se em eventos relacionados aos mangás e animês.

Numa sociedade com nível de alfabetização tão alto como o Japão, os mangás se perpetuam como uma forma de literatura que compete em condições de igualdade com a televisão e com o cinema. O modo de vida do povo japonês e a sua personalidade, de forma geral, explicam o fato de o mangá possuir um público grande. Os japoneses



sofrem muitas pressões sociais e têm poucas oportunidades para sair, levando-se em consideração a rotina de trabalho e de estudos pela qual passam. Os mangás servem como uma forma de amenizar a tensão do dia-a-dia.

[...] os personagens de mangá, ao contrário dos super heróis produzidos no ocidente, são heróis concebidos a partir do mundo real, nos quais as pessoas podem encontrar, além de uma espécie de miniatura de suas vidas, os ingredientes para vivenciar suas fantasias. São abundantes e oferecem uma válvula de escape silenciosa, afeita aos japoneses, que preferem reprimir e interiorizar os sentimentos (LUYTEN, 1991, p.48).

Com toda sua tradição patriarcal, o Japão passou por um choque cultural e social durante a Era Meiji. Inspirados pelo Ocidente, os japoneses precisaram fazer mudanças estruturais e polêmicas, principalmente quando se fala de gênero. Comparado ao modelo europeu e norte-americano, o modo de vida japonês estava bastante atrasado, em especial na área dos direitos femininos. A mulher sempre foi tratada de maneira inferior aos olhos da sociedade e suas responsabilidades não ultrapassavam o âmbito da casa e da família.

A memória do passado feudal, as histórias e as tradições japonesas continuam fortemente presentes na vida da população. Para o teórico jamaicano, Stuart Hall, nossa identidade cultural é constituída através dos elementos da cultura nacional a qual pertencemos. Apesar de acontecerem mudanças nos rumos de uma nação, os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis. Isso explica a ainda presente inferiorização do papel feminino no Japão.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2005, p.50)

Como consequência da ocidentalização, as mulheres, antes desprovidas da educação formal, tiveram acesso às escolas e à alfabetização. O sistema educacional não era igualitário, pois as mulheres tinham que estudar em escolas próprias, longe do contato masculino, mas, de alguma forma, certa transformação já estava em andamento. Com essa mudança, “[...]o significado da educação para a participação das mulheres na



força de trabalho e para o cumprimento de seus deveres de família passou por cima de hierarquias mais tradicionais” (STEARNS, 2007, p.174).

Apesar de terem adotado vários padrões ocidentais, quando se tratava de mulheres, os japoneses não acreditavam que as coisas deviam mudar. No Japão “havia uma política que misturava componentes ocidentais bem seletivos com elementos confucianos, para produzir uma abordagem distinta e sincrética das mulheres, coisa que continua a afetar o Japão até os dias de hoje” (STEARNS, 2007, p.175). As relações de gênero ocidentais pareciam estranhas e perigosas aos padrões japoneses. Para os japoneses, era inadmissível que suas mulheres agissem de forma tão independente e franca como as ocidentais agiam, tendo, por exemplo, voz dentro da família.

Mesmo tendo acontecido muitas mudanças no pensamento nipônico ao longo do século XX, principalmente após as conquistas feministas, é muito evidente, ainda, o pensamento machista no Japão. As mulheres, hoje, trabalham, possuem vidas econômicas independentes, estudam e ascendem socialmente, mas continuam presas à tradição e, de alguma forma, submissas a tudo o que o passado representa.

Elas querem ser iguais!

Inquietações sobre as relações de trabalho e familiares, a opressão feminina e a desigualdade entre sexos não são exclusividade da atualidade. Através dos tempos, a figura da mulher difundiu-se como a figura do sexo frágil, do pecado ou da submissão. Prova disso se presentifica no cristianismo, com as dualidades femininas: de um lado, encontram-se Eva⁵ e Lilith⁶, as pecadoras e traidoras; do outro lado, a figura da Virgem Maria, mãe, esposa obediente e mulher caridosa.

A base do sistema patriarcal, que defende que a desigualdade entre os sexos é natural e que as mulheres são essencialmente inferiores, encontra-se na pré-história. A opressão feminina intensificou-se, principalmente, quando houve um deslocamento da economia da caça e da pesca para a agricultura. Foi nesse momento que os homens

⁵Na Bíblia cristã, Eva é descrita como a primeira mulher que habitou a Terra. Seu parceiro, Adão, teria sido criado a partir da terra à imagem e semelhança de Deus. Para oferecer companhia a Adão e complementá-lo, Eva foi criada a partir da costela de Adão. Eva teria surgido com o intuito de ser uma boa esposa e uma mulher obediente, mas, por ser curiosa, provou do fruto proibido e também ofereceu-o a seu companheiro, mostrando uma atitude pecadora e mesquinha. Segundo a Bíblia, após o pecado original, Deus expulsou Adão e Eva do Paraíso e disse que, a partir daquele momento, a mulher seria comandada pelo marido

⁶Lilith é referida na Cabala como a primeira esposa de Adão. Ela teria sido criada por Deus da mesma matéria que Adão, portanto, homem e mulher seriam iguais a princípio. Lilith foi expulsa do paraíso porque se rebelou, recusando-se a ficar sempre em baixo durante as suas relações sexuais. Na modernidade, isso levou a popularização da noção de que Lilith foi a primeira mulher a rebelar-se contra o sistema patriarcal. Diz-se que a presença explícita de Lilith foi retirada da Bíblia pela Igreja Católica na Idade Média.



começaram a subjugar a força feminina, destinando às mulheres o papel de dona de casa e mãe de família.

Foi com a intenção de destruir os alicerces da sociedade patriarcal que o movimento feminista, iniciado no século XVIII, em pleno Iluminismo, teve grande destaque, especialmente, nas décadas de 60 e 70 do século XX. As feministas gritaram pela independência feminina, pela liberdade sexual e de escolha, por uma maior autonomia dentro da família, tanto em relação aos pais quanto em relação aos maridos, e também pela mudança da imagem da mulher, que, quando honesta, só poderia exercer o papel de mãe e de “rainha do lar”.

O feminismo reivindica para as mulheres, categoria que surge inquestionável do reino da natureza, da biologia, um espaço exclusivo da atuação política. Postula que, na história da humanidade, as mulheres tenham sido sempre submetidas a uma ordem predominantemente masculina, mas que agora ‘adquiriram consciência de sua opressão milenar’ e dos seus interesses – que só elas mesmas podem defender (MARIANO *apud* FRANCHETTO, CAVALCANTI e HEILBORN, 2005, p. 488).

Além de lutar pela força transformadora na sociedade, o feminismo, também, nasceu para compreender o porquê das diferenças entre gêneros e para tentar construir uma imagem digna para a mulher, atitude bastante questionada dentro do próprio movimento, por causa das diferenças nas condições sociais entre as militantes.

As tentativas das feministas para construir um sujeito político feminista universal, buscando uma base comum entre as mulheres, receberam críticas das feministas negras e latino-americanas, das feministas dos países de Terceiro Mundo e das ex-colônias e das feministas lésbicas. Trata-se da crítica ao feminismo branco ou dominante, colocando em questão ‘o que é ser mulher’ e denunciando que a unidade entre as mulheres também é excludente, opressora e dominante. Coloca-se em questão, portanto, as discussões sobre identidade. Esse não é só um problema político; é também um problema teórico (MARIANO, 2005, p.489).

A primeira fase do feminismo pode ser considerada aquela na qual “[...] as pesquisadoras se dedicavam à inclusão da mulher nas investigações antropológicas, por meio de mudanças de teorias e de métodos de investigação” (MARIANO *apud* MOORE, 2005). As feministas rejeitam a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres podem ser explicadas pela biologia e acreditam que são as educações dadas desde a infância às crianças que as condicionam e que definem suas relações de gênero. A teoria do gênero surgiu para incluir categorias como classe, trabalhador, cidadão,



homem, mulher e homossexual, sem explicá-las pelos fatores biológicos. Autoras como Judith Butler, Joan Scott, Chantal Mouffe e Teresa de Lauretis, entre outras, têm tratado dessas questões (MARIANO, 2005, p.485).

A emergência da categoria [gênero] representou, pelo menos para aquelas e aqueles que investiram na radicalidade que ela sugeria, uma virada epistemológica. Ao utilizar gênero, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder. O impacto dessa nova categoria analítica foi tão intenso que, mais uma vez, motivou veementes discussões e mesmo algumas fraturas internas. Também as relações de gênero passaram a ser compreendidas e interpretadas de muitas e distintas formas, ajustando-se (a) ou interpelando referenciais marxistas, psicanalíticos, lacanianos, foucaultianos, pós-estruturalistas... (MARIANO *apud* LOURO, 2005, p. 485)

Apesar de possuir bases no Iluminismo, a fase inicial do feminismo moderno questionou os seus alicerces, principalmente o esforço por construir uma universalidade da espécie humana, excluindo dessa universalidade a metade representada por mulheres.

Para as feministas, as velhas identidades construídas no Iluminismo estão em declínio. Inspiradas, em alguns pontos, na crítica marxista, elas contestam o conceito de sujeito criado no Iluminismo, em que o homem é:

[...] um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2005, p.10)

As militantes feministas consideravam o sujeito iluminista individualista e machista, pois ele é descrito como masculino, unificado e superior.

A crítica marxista, partindo de categorias como classe social, mais-valia e alienação, atacou o pensamento liberal, revelando-o como preso ao interesse particular de uma classe social específica – a burguesia. Pensadoras feministas marxistas agregaram mais uma crítica, apontando que o sujeito do liberalismo, além de burguês, é também masculino, portanto, sua pretensa universalidade esconde, na verdade, sua especificidade. (MARIANO, 2005, p.483)

No Brasil, o feminismo, iniciado nas décadas de 60 e 70, configurou-se diferentemente da Europa e dos Estados Unidos. Por ter surgido em plena ditadura



militar, o movimento feminista brasileiro foi marcado pela contestação à ordem política vigente no país.

Uma parte expressiva dos grupos feministas estava articulada a organizações de influência marxista, clandestinas à época, e fortemente comprometida com a oposição à ditadura militar, o que imprimiu ao movimento características próprias (SARTI, 2004, p.37).

A mulher na pós-modernidade

Na pós-modernidade, os conceitos de homogeneidade são colocados em questão. Não existe uma verdade absoluta, uma solução definitiva; o que existem são olhares e pontos de discussão. Com o grande avanço na área da ciência e da tecnologia, com a globalização e rompimento de barreiras, tanto em âmbito cultural como social, a identidade, antes unificada e racional, entra em crise. “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER *apud* HALL, 1999, p.9).

Para Stuart Hall, que trata da pós-modernidade, “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. Ele acredita que o sujeito pós-moderno conceitualiza-se como “[...] não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2005, p.12).

As mudanças que aconteceram na pós-modernidade romperam com os paradigmas de ordem social e abriram possibilidades de novas articulações, como a criação de novas identidades e a produção de novos tipos de sujeitos.

Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na (pós) modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (HALL *apud* GIDDENS, 2005, p.16)

É neste contexto de pós-modernidade e de quebras de paradigmas que surge, em contraponto ao feminismo e às suas teorias, o movimento pós-feminista.



O pós-feminismo refere-se a um processo ativo pelo qual os ganhos feministas dos anos 70 e 80 estão enfraquecidos. Propõe que, por um arranjo de maquinações, elementos da cultura popular contemporânea são permiciosamente efetivos no apagamento do feminismo, enquanto simultaneamente aparentam estar engajados em uma bem informada e até mesmo bem intencionada resposta ao “feminismo” (McROBBIE, 2006, p.59).

A teoria do pós-feminismo é baseada em antagonismos e, apesar de contestar o feminismo e afirmar que ele já não tem mais tanta força no mundo atual, não ignora as conquistas e os avanços que ele trouxe para a humanidade, em especial, para as mulheres.

O pós-feminismo faz uso positivo do feminismo e o evoca como algo a ser levado em consideração para sugerir que a igualdade está alcançada e, com isso, instalar todo um repertório de novas significações que enfatizam que o feminismo não é mais necessário, que é uma força perdida (McROBBIE, 2006, p.59).

No pós-feminismo, acredita-se que o feminismo não mais faz sentido, pois tudo o que ele tinha que conquistar para a independência e liberdade feminina, já conquistou. As teóricas dessa corrente acreditam que, para a maioria das mulheres, dizer que é feminista possui um sentido pejorativo. A figura da mulher feminista está ligada à figura de mulheres descuidadas, “mal-amadas” ou homossexuais.

O feminismo está nas sombras, onde no máximo pode esperar por uma sobrevivida, onde há de ser considerado de forma ambivalente por aquelas jovens que dele mantêm uma certa distância em lugares públicos pelo bem social e reconhecimento sexual (McROBBIE *apud* FALUDI, 2006).

Para a teórica cultural britânica, Angela McRobbie (2006), o feminismo só pode ser levado em conta se for considerado como uma força morta. Ela acredita que a igualdade já foi conquistada e que as lutas do passado já não são mais necessárias. Em sua concepção, as jovens atuais acham que o feminismo é coisa do passado, que é um grito de uma geração passada e, logo, é um movimento ultrapassado.

A mulher pela visão masculina

Através de contribuições teóricas do movimento feminista e do pensamento pós-feminista, em especial da teoria de Angela McRobbie, neste artigo, será analisada a composição do perfil de uma das personagens do mangá *Love Hina*: Naru Narusegawa.

Love Hina, mangá escrito por Ken Akamatsu, foi publicado no Japão pela revista Kodansha e no Brasil pela JBC (Japan Brazil Communication). O início de sua



publicação se deu em outubro de 1998 nas terras nipônicas e em maio de 2002 nas terras tupiniquins. O mangá de *Love Hina* foi publicado aqui com 28 edições e no Japão com a metade, pois lá os mangás possuem um maior volume de páginas.

Por possuírem um público consumidor tão grande e diverso, os *mangás* são divididos em estilos, para agradar todos os gostos e faixas etárias. Como exemplo da diversa classificação, existem os *shoujos* (*mangás* que costumam ser escritos por mulheres e que são direcionados, especialmente, ao público feminino adolescente; tratam de dramas sentimentais, cotidiano e dúvidas), o *shonen* (*mangá* feito para jovens do sexo masculino; tratam normalmente de histórias de ação, amizade, aventura e romance, fato que também possibilita grande público feminino), o *josei* (direcionado para mulheres em idade adulta) e o *seinen* (*mangá* produzido para o público masculino; possui elementos eróticos, assim como o *josei*, mas não chega a ser um *hentai*) e o *hentai* (*mangás* pornográficos; possuem divisões que possibilitam mudanças de enredos).

Love Hina é um mangá de difícil classificação, pois, apesar de ser oficialmente considerado um *shonen*, possui elementos que podem localizá-lo em outras classificações. Seu enredo possui características *ecchi*, que é um estilo que engloba características eróticas, nudez, humor pervertido e insinuações, mas que, por não ser explícito e por não possuir uma história essencialmente pornográfica, não pode ser classificado como *hentai*.

O *mangá* retrata a história de Keitarô Urashima, um rapaz de 20 anos de idade que já foi reprovado várias vezes na Universidade de Tóquio (Toudai), mas que continua tentando por ter feito uma promessa a uma garota há 15 anos atrás. Fracassado e expulso da casa dos pais, Keitarô busca abrigo na pensão de sua avó, porém, chegando lá, descobre que o lugar tinha virado um alojamento feminino. Após muita confusão e muitos socos, Keitarô consegue virar gerente do local e envolve-se com todas as moradoras da casa, especialmente com Naru Narusegawa, por quem se apaixona. O enredo de *Love Hina* é cômico e romântico e suas características fazem com que sua fórmula seja bem aceita pelo público.

Uma das características peculiares de Ken Akamatsu é o uso de adolescentes seminuas em suas obras. As personagens costumam ter de 14 a 21 anos, sendo que algumas mostram-se extremamente maduras para suas idades e outras apresentam atitudes frívolas e se comportam como ninfetas. Em todos os *mangás* de *Love Hina*, as personagens femininas são mostradas com pouca roupa e com atitudes insinuantes.



Algumas possuem personalidades mais fortes e mais decididas, encarando a figura masculina como desnecessária ou então como apenas acessória, e outras, com atitudes delicadas e frágeis, se mostram bastante afoitas para casar e compor família.

[...]os personagens femininos nas revistas para rapazes são freqüentemente retratados como objetos sexuais ou mulheres idealizadas, usadas para dar mais encanto ou suavidade ao conteúdo do mundo do mangá masculino. Há uma tendência recente para a criação de personagens mais independentes ou amigos e confidentes de seus parceiros, porém isso é eclipsado pela grande porcentagem de heroínas tradicionais (LUYTEN, 1991, p.84).

O perfil analisado, neste artigo, será o de Naru Narusegawa, a personagem feminina principal do mangá e principal par romântico de Keitarô Urashima. No começo do mangá, Naru é uma adolescente de 17 anos, que cursa o terceiro ano do Ensino Médio e faz cursinho para passar na Toudai, a Universidade de Tóquio. Além de ser uma moça muito bonita e atraente, Narusegawa é muito inteligente e esperta, prova disso foi ela ter conseguido o primeiro lugar geral num simulado nacional para o ingresso na Toudai. Sua vaidade e inteligência geram uma confiança excessiva, o que acaba prejudicando sua auto-estima logo após o resultado de seu primeiro vestibular, já que Naru não consegue passar. Após seu primeiro fracasso, Naru começa a lidar com a vida de forma diferente e também passa a admitir falhas, atitude antes impossível para ela.



Imagem 1. Naru Narusegawa. Desktop Nexus, 4 de julho de 2009



A personagem possui uma personalidade forte, não aceita desaforos e não se sente inferior a pessoas do sexo oposto. Seu jeito é sempre altivo e ela não costuma ser tolerante com homens, principalmente quando eles se demonstram tarados ou imbecis, assim como Keitarô, o herói, que mais parece um anti-herói, age. Sempre que se irrita, a mocinha enche Keitarô de socos e pontapés, mostrando que, apesar de possuir uma aparência frágil, é muito forte. Seu perfil se encaixa dentro das características do pós-feminismo, já que ela usufrui dos seus direitos de mulher e de sua igualdade perante os homens, mas, mesmo assim, apresenta traços que fazem com que seja vaidosa e insegura em relação à família e ao futuro.

No pós-feminismo, as mulheres sonham em ter uma vida profissional realizada, estudam e lutam pelos seus desejos, mas ao mesmo tempo em que são tão decididas em relação a suas carreiras, mostram-se inseguras quanto seu futuro social e quanto seus planos familiares.

Os indivíduos devem agora escolher que tipo de vida querem levar. As meninas devem ter um plano de vida. Elas devem tornar-se mais reflexivas a qualquer aspecto de suas vidas, desde tomar a decisão certa sobre o casamento até tomar as rédeas de suas carreiras profissionais e não dependentes de um trabalho a vida inteira ou da estabilidade e credibilidade de uma burocracia de larga escala, algo que no passado teria dado aos seus empregados papéis específicos, e possivelmente, permanentes (McROBBIE, 2006, p.65)

A mulher pós-feminista é aquela que não possui o casamento como o maior objetivo de sua vida, mas que também não quer ficar sozinha. Mesmo tendo uma atitude independente, a mulher pós-feminista sonha em casar, constituir família, se sentir segura nos braços de algum homem, mesmo que, como no caso de Naru, o homem amado seja uma pessoa de atitudes passivas e confusas.

As atitudes independentes e determinadas de Narusegawa fazem com que sua figura fuja dos estereótipos femininos pré-construídos pelos orientais, em que a mulher é submissa, concordada e se contenta com sua posição na sociedade. A pós-modernidade veio para romper barreiras culturais e mudar conceitos comportamentais.

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por



avançar ainda mais em direção à modernidade (HALL, 2005, p.56)

A imagem de Naru é construída por meio de um referencial masculino, da forma que seu criador, Ken Akamatsu, enxerga qual é composição da mulher dominante nos dias de hoje. A personagem pós-feminista vive o que pode ser descrito como um “duplo enredamento”, onde há a coexistência de valores neo-conservadores em relação a gênero, sexualidade e vida familiar com processos de liberação em relação à escolha e à diversidade nas relações domésticas, sexuais e de parentesco.

A personagem pós-feminista não se sente injustiçada em relação ao gênero, ela já é um fruto das conquistas do feminismo e não enxerga a realidade como desigual. “As ações destas mulheres, filhas do pós-feminismo, são frutos de um querer consciente, não sendo elas mais exploradas, como poderiam pensar as feministas de outrora” (MESSA, 2007, p.17).

Narusegawa apresenta dois comportamentos distintos em determinados momentos do mangá: quando está na pensão, aparenta ser “durona”, esperta e também faz questão de mostrar seu espírito de liderança; nessa situação, ela se veste com uma roupa convencional: uma minissaia vermelha, uma blusa amarela e uma meia calça marrom. Quando vai estudar, seja na escola ou em casa, Naru se veste de forma caricatural: usa um uniforme escolar sem graça, tranças em seu longo cabelo e um grande óculos fundo de garrafa. A roupa que Naru usa neste caso remete ao estereótipo convencionalizado de *nerd*, conotação depreciativa dada às pessoas que exercem intensas atividades intelectuais e que se destacam por sua inteligência.

De modo geral, Naru é uma personagem paradoxal. Ela tem seus altos e baixos, mostra-se forte e independente, mas em certas situações, apresenta fraqueza e indecisão. A personalidade encontrada nela é muito comum na pós-modernidade em que vivemos. As relações tendem a ser solúveis, os sentimentos, passageiros e as pessoas costumam sofrer várias mudanças em suas personalidades ou em suas ações. Já não existem mais conceitos concretos, o que vale é a transformação.



Considerações finais

As lutas feministas da década de 60 e 70 foram essenciais para as mudanças sociais que aconteceram em relação às mulheres, tanto nas relações de gênero quanto comportamentais. Para conseguirem romper com paradigmas e preconceitos existentes, algumas mulheres corajosas tiveram que abandonar suas famílias, queimar sutiãs, usar calças compridas e, principalmente, dar adeus à imagem de sexo frágil.

Hoje, a igualdade entre gêneros ainda não é existente, mas é inegável que as coisas melhoraram bastante em relação ao passado. Na pós-modernidade, as conquistas feministas não são negadas, mas o feminismo não é mais visto como necessário, pois muitas mulheres crêem que não existe mais nada a ser conquistado.

A mídia e a cultura popular mostram e tentam fazer incessantes apologias ao modelo de mulher pós-feminista. Ela é poderosa, forte e decidida, mas sua felicidade está intimamente ligada ao encontro da figura masculina.

Ao reproduzir mulheres mostrando seu corpo, praticando sexo sem compromisso, pagando suas contas, tendo o livre arbítrio para escolher seus futuros, decidir entre casar ou morar junto, por exemplo, produtos culturais[...] sugerem que a igualdade entre homens e mulheres está alcançada, logo não é mais necessário lutar por ela” (MESSA *apud* MCROBBIE, 2007, p.16)

Analisando o mangá *Love Hina*, percebemos os diferentes discursos e estereótipos femininos pré-determinados no imaginário da nossa geração, principalmente no imaginário dos homens. Numa sociedade ainda tão machista como é o Japão, os mangás surgem como opção para desconstruir as estruturas vigentes e também para conduzir comportamentos. Através da composição da personagem Naru, construída pela visão masculina, percebemos que houve uma mudança imensa tanto na cabeça dos homens quanto na das mulheres. O modelo de mulher ideal mudou; eles não querem nem as extremamente feministas e nem as totalmente submissas.

Referências Bibliográficas

GRAVETT, Paul. *Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos*. São Paulo: Conrad, 2004.



HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. *O poder dos quadrinhos japoneses*. São Paulo: Estação Liberdade: Fundação Japão, 1991.

MARIANO, Silvana Aparecida. *O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo*. Estudos Feministas, Florianópolis, setembro-dezembro/2005

Mc ROBBIE, Angela. *Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero*. Disponível em:
http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/mcrobbe_posfeminismo.pdf – Acesso em: 26/06/2009

MESSA, Marcia Rejane. *As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo*. Compós, abril de 2007.

SARTI, Cynthia Andersen. *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*. Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto/2004.

STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. São Paulo: Contexto, 2007.

Site Desktop Nexus. Wallpaper de Love Hina. Disponível em: <http://anime.desktopnexus.com/cat/love-hina/3>